

**OS DEUSES DA HUMANIDADE E O DEUS QUE SE REVELA****Luciano José Dias**

Mestre em Teologia bíblica pela PUC-SP, Especialista em Práticas pedagógicas de ensino religioso e em Cultura Judaico-Cristã, História e Teologia pela UNIFAI, membro do Grupo de Pesquisa TIAT. ORCID: 0000-0001-8077-4636.

**RESUMO**

O presente artigo procura trazer ao leitor uma possibilidade de análise e reflexão sobre as diversas imagens criadas pela humanidade, ao longo da história, para descrever deus ou deuses, que acreditam estar a seu redor. Objetivamos tratar de inúmeras variações de imagens que foram relatadas em passagens bíblicas e filosóficas, o que nos propicia avaliar a influência direta do tempo, lugar, cultura e meio social na interpretação dos diversos contornos das imagens de deus. O conceito sobre divindade se dá no ambiente cultural de cada povo, sendo que, em especial, tratamos das ideias de deus, inseridas no contexto judaico-cristão. O artigo nos leva a diferenciar uma imagem de deus, que se revela como defensor da vida, e dos deuses da humanidade, divindades idealizadas de forma antropomórfica, capazes de repentinas mudanças de personalidade, pois expressam os mais profundos medos e desejos humanos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conceito; Compreensão; Divindade; Experiência

**ABSTRACT**

This article seeks to bring to the listener-reader, the possibility of an analysis and reflection, of the various images created by humanity, throughout history, to describe god or gods that they believe are around them. Here we deal with numerous variations of these images, which were reported in biblical and philosophical passages, which gives us evaluate the direct influence of elements such as time, place, culture and social environment in the interpretation of the various contours of the images of god. The concept of divinities occurs within the cultural context of each and every people, and in particular, we are dealing here with the ideas of god, inserted in the Judeo-Christian context. The article leads us to differentiate between, an image of god, who reveals himself as a defender of life, and gods of humanity, deities idealized in an anthropomorphic way, capable of sudden personality changes, which express the deepest human fears and desires.

**KEYWORDS:** Concept; Understanding; Divinity; Experience

### **Considerações Iniciais**

Ao iniciarmos esse artigo, convidamos o leitor a lançar um olhar sobre a história da humanidade, nas evoluções e regressões por ela experimentadas na compreensão de seu relacionamento com Deus ou deuses, que atuam em seu meio; suas características, comportamentos e ações. Ao efetuarmos esse mergulho no passado, com os pés em nossa realidade atual, esperamos propiciar o reconhecimento da diferenciação existente, entre o Deus que se revela – buscando sempre a conservação da vida – e os deuses da humanidade – Antropomorfismo inato à pessoa humana. Desde já, esclarecemos que, o enunciado “deuses da humanidade” não está relacionado a uma apresentação nominativa de deuses conhecidos na história. Nossa intenção é mostrar como os seres humanos, por vezes, definem os acontecimentos em seu entorno, atribuindo a eles o resultado de ações de diferentes divindades. O antropomorfismo é um conceito filosófico associado às formas humanas, ou seja, ele atribui características, sejam físicas, sentimentos, emoções, pensamentos, ações ou comportamentos humanos aos objetos inanimados ou seres irracionais. Em outras palavras, o antropomorfismo atribui características humanas aos seres de natureza não humanas. Do grego, o termo “antropomorfismo” é a junção dos termos “anthropo” (homem) e “morfhe” (forma).

Tendo em vista a amplitude do tema a ser abordado, partimos das imagens judaico-cristãs de Deus, contidas nas Escrituras, que são consideradas sagradas, tanto para os judeus, quanto para cristãos. Se observamos, mais de perto, os diferentes relatos bíblicos, que tratam das imagens de Deus e suas diferenças, por vezes, até mesmo contradições, percebe-se que o povo de Israel e circunvizinhos foram desenvolvendo um diversificado entendimento de Deus, compreendendo-o em diferentes contornos, ao longo de sua história e experiências, assim como foram moldando os deuses da humanidade, conforme as necessidades de cada época.

Da mesma forma, frente às dificuldades, problemas, descobertas e inquietudes da vida moderna, continuamos a descobrir o Deus que se revela em seus diferentes contornos, que hora se entrelaçam aos contornos dos deuses da humanidade.

A experiência do Sagrado sempre levará em conta o contexto em que o ser humano está inserido, a bagagem cultural que traz consigo, tal como os conflitos que o cerca; por isso, a compreensão que fazemos de Deus depende da compreensão que o ser humano tem de si mesmo e de suas relações. Isso não implica dizer que Deus seja uma invenção humana, mas que a compreensão humana de Deus, estando vinculada à sua revelação, que acontece na história, depende da capacidade de cada indivíduo de perceber, processar e concatenar essa revelação dentro de sua cosmovisão.

O Deus que se revela, é um Deus relacional, só pode ser compreendido dentro da caminhada humana; é um Deus que dialoga com os seres, enquanto esses desenvolvem sua história. Nesse dinâmico processo de desenvolvimento, cada indivíduo vai experimentando Deus nos diferentes momentos de sua vida. A compreensão que se terá, portanto, de Deus, nunca é absoluta, é sempre relativa. Assim, por vezes, o Deus que se revela, é confundido com os deuses da humanidade.

É nessa perspectiva que fundamentamos esse artigo, no intuito de levar nosso leitor a uma reflexão de si, dos deuses da humanidade e do Deus que se revela. Não temos a pretensão de esgotar essa temática levantada em tão poucas páginas. Nem mesmo de responder a todas as questões que surgirão no decorrer desse artigo. A proposta é fazer pensar o Deus que se revela, mostrando o que o diferencia dos deuses da humanidade: protótipos de deuses criados à imagem do homem.

### **A humanidade em busca de Deus**

Já no início da aventura humana sobre a terra, o homem pré-histórico tentava imaginar quem teria criado as coisas existentes e como seria este criador, que não podia ser visto. A grande aventura de falar sobre divindades perpassa todos os séculos da existência humana, desde quando se tem relatos. Os registros históricos mais antigos desta aventura, segundo Mircea Eliade (2010), vêm da Suméria, região onde foi inventada a escrita, há cerca de quatro mil anos antes de nossa era. Por meio de tabletas de barro, hoje guardados em museus, ficamos sabendo que os sumérios acreditavam em deuses com formas humanas e imortais. Também na Suméria, os deuses começaram a se preocupar com o comportamento do povo.

Ainda, segundo Eliade (2010), no Egito, séc.14 a.C. apareceu o faraó Akenaton, que acabou com a proliferação de deuses em sua terra, adotando como único deus para seu povo, o deus “Aton”.

Os homens da antiguidade, quando encontravam um novo deus para guiá-los, logo descobriam sua personalidade que, por coincidência, se parecia muito com a personalidade dos próprios profetas, que faziam a ponte no relacionamento entre o povo e os deuses. Como forma de exemplo, citamos aqui, “Aton”, o deus do faraó Akenaton, que era pacífico, amante das artes e dos animais.

Antes dele, o panteão egípcio era formado por milhares de entidades, com qualidades e defeitos humanos. Havia deuses protetores dos doentes, da agricultura, do casamento etc. Muito embora os tempos sejam outros, ainda hoje, é comum vermos pessoas atribuindo a Deus, suas próprias características humanas, tais como ira, cólera, rancor etc. Muitas pregações falam de um Deus que condena, mata e destrói. Não são poucas as associações feitas atribuindo a Deus, problemas relacionados a uma falta de políticas públicas e sociais ou mesmo associando as chuvas, que alagam e destroem, a um castigo de Deus. Ainda nos dias atuais, muitos, ensinam aos filhos, desde pequenos, que Deus castiga as malcriações e faltas.

O conceito sobre Deus é um aprendizado permanente da humanidade, ao longo dos séculos, que se dá no contexto cultural de cada povo e no contato entre as diversas culturas. Este conhecimento chega até nós de várias formas e uma delas é através dos escritos que perpassaram muitos séculos, trazendo registrados em suas páginas tais experiências. Este é o caso dos escritos bíblicos.

Por meio dos múltiplos livros da Bíblia, escritos por diferentes pessoas e em épocas diversas, percebemos que o povo bíblico, ao interagir com os povos ao seu redor, foi agregando e enriquecendo suas experiências do Deus revelado, à luz das características dos deuses vizinhos, levando-os a uma diversificada compreensão da revelação (ROMER, 2016). Isto se deu no desenrolar dos conflitos, das crises, das vitórias e alegrias do cotidiano. Indo além, extrapolando o alcance de nossa pesquisa, podemos afirmar que essa diversificada compreensão da revelação, continua a acontecer na vida de cada indivíduo ou grupo, nos dias atuais, que fazem a própria experiência de Deus, levando em conta o contexto em que estão inseridos.

Tomando novamente, como base a Bíblia, que mostra a íntima relação de Deus com um povo – neste caso, o povo de Israel – ao ser analisado através de um olhar ocidental, distante dos acontecimentos, tanto no tempo como na linguagem, cultura e na literatura, ficamos intrigados ao vermos que o mesmo Deus salvador e misericordioso para com Israel é colérico e destruidor para com seus opositores, revelando-se algoz de sua própria criação – visto que tudo foi criado por Ele. Por outro lado, fazendo uso do olhar semita – daqueles que escreveram –, que não olham os relatos bíblicos como história de fato, mas história de fé, é perfeitamente possível uma compreensão, pois descrevem sua crença no Deus, que se revela como libertador, portanto suas ações tendem a ser grandiosas.

Diferentemente da visão semita, nós hoje olhamos os relatos bíblicos e perguntamos: como compreender um Deus que destrói, aniquila, matando adultos e crianças, expulsando moradores de sua Terra para dá-la a outros? (Dt 7,6; 14,2). Numa leitura atenta dos relatos, percebemos que estamos diante de textos complexos e fruto de um longo processo redacional e com diferentes imagens de Deus. Isso se explica, porque os livros, em sua maioria, foram compostos de camadas sobrepostas. Tal como uma colcha de retalhos, eles foram sendo emendados e costurados até chegar ao texto final que temos hoje.

É resultado da memória do povo. Nasceu de uma oralidade, do contar histórias da vida do povo, que cria uma literatura que relata sua história, suas reflexões, sua sabedoria, sua oração. E tudo isso, por vezes, em narrativas. Somente assim, podemos compreender as diferenças e contradições presentes nos relatos bíblicos. Como por exemplo: *Ele (Javé) faz justiça ao órfão e a viúva e ama o migrante (estrangeiro), dando-lhe pão e roupa. Portanto, amem o estrangeiro, porque vocês foram migrantes na terra do Egito* (Dt 10,18-19).

Comparemos agora, tal afirmação, a um outro texto presente no mesmo Livro: *Javé, o nosso Deus, o entregou diante de nós, e nós o derrotamos, como também a seus filhos e a todo o seu povo. Nessa ocasião, capturamos todas as suas cidades e consagramos cada uma delas ao extermínio. De homens, mulheres e crianças, não deixamos nenhum sobrevivente (estrangeiro).* (Dt 2,33-34).

É necessário entender que, somente depois de muitos anos, esse livro saiu da oralidade e se tornou livro escrito, Escritura Sagrada. Somente assim, podemos compreender as diferenças e contradições presentes nesse e em outros relatos bíblicos. Ao longo desse processo redacional, o povo foi fazendo diferentes experiências da revelação de Deus. Isso

levou a múltiplas interpretações do que seriam os contornos de Deus, ou mesmo deuses, se olharmos tamanhas diferenças e contradições apresentadas. Dentro dessa mesma temática, cabe-nos, inserir a questão da origem do mal. Existindo um único Deus que é bom, de onde proveria o mal?

### **Tentativas de explicar o mal**

Numa concepção politeísta, em que o destino do universo depende da atuação de uma multidão de divindades, o aparecimento do mal e do sofrimento pode ser atribuído a deuses ou a demônios, dos quais o ser humano tenta se defender com amuletos e sacrifícios. Ainda numa concepção politeísta, os deuses podem ser considerados imprevisíveis, sendo sua relação com os seres humanos, por vezes, até calamitosa, mesmo que esses não tenham cometido nenhuma falta contra eles

Desde que existe um só Deus, a questão da origem e do porquê do mal se coloca com intensidade. Os textos bíblicos dão diferentes respostas a esse problema. Alguns textos sustentam que o mal e o sofrimento são punições divinas para aqueles que cometeram atos reprováveis. Entretanto, essa chamada teologia da retribuição é, muitas vezes, posta em questão. No livro de Jó, por exemplo, o autor mostra que Jó, ao contrário do que afirmam seus amigos, não admite que mereça a punição que está sofrendo. Todavia, ele não dá resposta sobre a origem do mal que o Deus, que se revela, envia sobre ele. Do mesmo modo, a narrativa da criação, no livro do Gênesis, constata que as trevas, a desordem e o abismo, símbolos do mal ou do caos primordial não são criados por Deus, mas dominados por ele, porque ele os integra na criação. Esses textos concedem, portanto, certa autonomia ao mal sem, no entanto, desenvolver um sistema teológico dualista.

O Dêutero-Isaías, no entanto, propõe uma solução radical, ao afirmar que o próprio Deus, que se revela, criou o mal: *Eu sou o SENHOR e outro não há! Não existe deus fora de mim! Armei-te guerreiro e tu não me conhecias. Assim se ficará sabendo, do nascer do sol até o poente, que sem mim nada existe. Eu é que formo a luz e crio as trevas, faço o bem-estar e crio o sofrimento; eu sou o SENHOR, eu é que faço tudo isso.* (Is 45,5-7).

Esse texto é praticamente o único em toda a Bíblia hebraica<sup>1</sup> a afirmar explicitamente que Deus não somente criou a “paz”, a ordem harmoniosa, mas também o seu contrário, o mal ou o caos. Para o Dêutero-Isaías, todos os poderes, mesmo os que são nefastos, encontram sua origem no Deus que se revela e estão sob seu controle. Visto que há um só Deus e que, fora dele, não há nada (v.5), nada pode escapar a esse Deus. Entretanto, no contexto dos escritos bíblicos, essa afirmação permanecerá marginal.

Como podemos perceber, a problemática levantada aqui é complexa; por isso, cabe também a nós darmos uma olhada em um outro campo do conhecimento humano, que também se debruçou sobre a mesma temática, que é a Filosofia. O filósofo pré-socrático Epicuro<sup>2</sup>, em síntese, colocava a questão da seguinte maneira:

*Deus, ou quer impedir os males e não pode, ou pode e não quer, ou não quer e nem pode, ou quer e pode. Se quer e não pode, é impotente: o que é impossível em Deus. Se pode e não quer, é invejoso: o que, do mesmo modo, é contrário a Deus. Se nem quer e nem pode, é invejoso e impotente: portanto nem sequer é Deus. Se pode e quer que é a única coisa compatível com Deus, donde provém então a existência dos males? Por que razão é que não os impede? (EPICURO, p. 28)*

Epicuro, na passagem acima, questiona a compatibilidade da existência de um Deus, comumente, considerado onipotente e bondoso, com o problema do mal no mundo. Se Deus quer impedir o mal e não pode, deixaria de ser onipotente; se pode e não quer, deixaria de exercer sua bondade; se não pode e não quer, além de impotente não seria bondoso. Essa pergunta final pode nos deixar com a sensação de que a resposta é: porque Deus não existe. Entretanto, Epicuro ressalta a possibilidade de a divindade não acabar com o mal porque, em sua imortalidade, viveria apenas para sua própria felicidade. Portanto, não deveríamos temer a Deus, porque – se existe – sequer tem motivo para se envolver nos assuntos humanos. Deveríamos, portanto, abandonar essas opiniões que a troco de nada nos causam sofrimento. Sábio Epicuro, ao formular tal questão que, desde que o mundo é mundo, agita o coração humano.

---

<sup>1</sup> Só Coélet (Eclesiastes), dois séculos mais tarde, irá no mesmo sentido, aconselhando seus leitores: “Em tempo de felicidade, sê feliz, e no dia da desgraça reflète: Deus faz tanto um como o outro, para que o homem não possa saber o que virá depois dele” (7,14).

<sup>2</sup>Epicuro de Samos foi um filósofo grego do período helenístico. Seu pensamento foi muito difundido e numerosos centros epicuristas se desenvolveram na Jônia, no Egito e, a partir do século I, em Roma, onde Lucrecio foi seu maior divulgador.

No século XIX, o filósofo Leibniz<sup>3</sup> refletiu novamente sobre essa problemática e até criou uma nova área do pensar filosófico e teológico: a Teodiceia. Ele chegou à conclusão de que o mal não é uma realidade, não tem consistência em si próprio, é apenas um vácuo, um vazio, uma carência: a carência do bem, do amor de Deus (BINGEMER, 2010).

Ainda, nesse mesmo século XIX, Marx<sup>4</sup> concluiu que a religião, considerando o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, “amortece a combatividade dos oprimidos e explorados, porque lhes promete uma vida futura feliz. Na esperança de felicidade e justiça no outro mundo, os despossuídos, explorados e humilhados deixam de combater as causas de suas misérias neste mundo” (CHAUI, 1997, p. 309). Desta forma, Marx tinha a visão de que a figura divina acendesse dentro de cada indivíduo a expectativa de uma vida posterior, muito mais gratificante do que esta, criando certo tipo de acomodação. As questões levantadas pela Filosofia não elucidam ou explicam a problemática, mas revelam o perturbador desejo humano de encontrar respostas.

Algo possível de ser constatado no campo das experiências humanas é que, um indivíduo inflexível e inseguro, por exemplo, dificilmente terá uma percepção que não seja de um Deus guardião, normativo, caprichoso e intolerante; já alguém que avançou no processo de autoconhecimento e está prestes a superar as dualidades – bastante presente na visão maniqueísta<sup>5</sup> da vida – tende a perceber Deus como a expressão do absoluto, intangível, permanentemente compassivo no sentido da aceitação do que é.

Em meio a tantos conceitos relacionados a um único Ser, aferimos como uma única e só figura é capaz de se revelar em forma tão plural, influenciando pessoas e grupos, como foi o caso do povo de Israel e, também para as mais variadas mentes de filósofos de determinadas épocas. Essa visão eclética de diversos pensadores explicita que o período em que vivem e o contexto em que estão inseridos interferem e influenciam a formação das múltiplas faces de Deus por eles combinadas.

---

<sup>3</sup>Gottfried Wilhelm von Leibniz foi um filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão.

<sup>4</sup>Karl Heinrich Marx foi um intelectual e revolucionário alemão, fundador da doutrina comunista moderna, que atuou como economista, filósofo, historiador, teórico político e jornalista. O pensamento de Marx influencia várias áreas tais como: Filosofia, História, Direito, Sociologia, Literatura, Pedagogia, Ciência Política, Antropologia, Biologia, Psicologia, Economia, Teologia, Comunicação, Administração, Design, Arquitetura, Geografia e outras.

<sup>5</sup>O Maniqueísmo é uma filosofia religiosa sincrética e dualística que divide o mundo entre *Bem*, ou Deus, e *Mal*, ou o Diabo. A matéria é intrinsecamente má, e o espírito, intrinsecamente bom. Com a popularização do termo, maniqueísta passou a ser um adjetivo para toda doutrina fundada nos dois princípios opostos do Bem e do Mal.



## Unicidade de Deus

Uma certeza que muitos trazem imbuída no mais profundo de seus âmagos – mesmo não sendo uma premissa verdadeira – é que, o Deus do Antigo e do Novo testamentos não é o mesmo. Este pensamento – ainda comum entre muitos, nos dias atuais, se dá, levando-se em conta tamanha diferença nas narrativas, que apresentam as ações divinas em cada uma das duas porções. Os escritos bíblicos podem ser comparados a fotografias de Deus, feitas em momentos culturais muito diferentes por pessoas e povos, vivendo experiências diversas. Podemos explorar uma explicação, dizendo que o povo bíblico, numa situação de guerra contra inimigos poderosos, fotografou um Deus guerreiro para animar as pessoas nos combates.

Em momento de lutas internas religiosas, os hagiógrafos desenharam um Deus exigente no cumprimento de leis para evitar a desordem social (LIBÂNIO, 2009, p. 1-3). Olhando para a primeira porção da Bíblia, vemos o profeta Oséias, afirmar que Deus carrega ternamente em seus braços a Efraim como a uma criancinha de colo (Os 11,3). Apresentando-nos já, no Antigo Testamento, traços do Deus, serão relidos e aprofundados no Novo Testamento.

Partindo do fato de que a revelação se dá na história que é progressiva, chegando em seu ponto mais elevado – para os cristãos – no Novo Testamento, devemos interpretar os diferentes contornos das imagens de Deus, de acordo com aquelas vividas e pregadas por Jesus.

Em última análise, podemos dizer que a figura de Deus encontrará sua expressão mais perfeita na revelação de Jesus. *Ninguém jamais viu a Deus. O Filho único de Deus, que está junto ao Pai, foi quem no-lo deu a conhecer* (Jo 1,18). Por isso, é muito perigoso tomar citações isoladas da Escritura e arremessá-las sobre as pessoas como se esta fosse a ideia definitiva e eterna de Deus, e não reflexo de uma experiência histórica de um povo.

O encontro com os diversos contornos das imagens de Deus no Antigo Testamento pode-nos ser benéfico, precisamente pela maneira como nos é apresentado nos textos bíblicos, onde o Povo de Israel vive e experimenta, dentro de um processo lento, porém contínuo, a certeza de não estarem sós e que tal como outros povos, eles tinham o seu Deus.

Os textos bíblicos, relatam que os patriarcas foram adoradores de muitos deuses. As tradições, porém, que circularam mais tarde no meio das tribos, já viam neles homens que

experimentaram um Deus de maneira mais expressiva. Abraão se tornou, por isso, símbolo de homem de fé em Deus. A vocação de Abraão tornou-se programática para todas as vocações, ao seguir o apelo do Deus, que se revela (Gn 12, 1-3.7). A esse Deus, que vai fazendo alianças com seus descendentes, Abraão ergueu um altar.

Moisés, a partir da experiência da escravidão e libertação do Egito, vinculou a fé ao Deus que se revela, ao lado do qual não admitiu outros deuses. Para traduzir essa ligação profunda com um único Deus, o povo o experimentou como “ciumento” e qualquer infidelidade era vista como adultério. Profetas como Amós e Oséias, exploraram muito bem e com originalidade a imagem matrimonial, como forma de descrever a vivência do povo em relação a seu Deus.

Não era o Deus, que se revela, que era ciumento, mas o povo que o experimentava como seu Deus próprio, único e guia pela longa caminhada para Canaã. Identificaram-no com o deus supremo dos cananeus, “El”. Lá encontraram também outros deuses e depois se defrontaram com os deuses fenícios, assírios, babilônios. Todos esses deuses foram rejeitados – como deuses da humanidade – graças à fidelidade ao Deus que se revela. A confissão de fé do povo bíblico a seu Deus, como Deus que se revela, encontrou expressão dramática no fato narrado no livro dos Reis, onde o profeta Elias, questionou o povo pela sua ambiguidade na vivência de sua fé dizendo: *Se o Senhor é o verdadeiro Deus, segui-o, mas se é Baal, segui a ele!* Depois armou o altar cheio de vítimas e desafiou os profetas de Baal a que invocassem seus deuses, ele, por sua vez, invocaria ao Senhor (1Rs18,21).

As orações dos profetas de Baal não foram ouvidas, enquanto a oração de Elias fez baixar o fogo do céu e devorou as vítimas do sacrifício. Diante dessa maravilha, o povo exclamou: *O Senhor é Deus, o Senhor é que é Deus!* (1Rs 18,39). A cena da degola de todos os profetas por parte de Elias, a qual se segue a esse ato de confissão, revela o caráter comovente do processo de fé do povo. Desta sorte, por meio de longo caminho, a partir de sua experiência histórica, Israel professou o monoteísmo, primeiramente de maneira prática, para depois formulá-lo doutrinariamente. Nos tardios livros do Dêutero-Isaías, o povo confessa que o mesmo Senhor, que o salvou e livrou da escravidão do Egito, o Deus da Aliança, é também o Deus criador de todas as coisas. *Um Deus eterno é o Senhor, o criador dos confins da terra* (Is 40, 28). Termina-se, assim, esse longo processo numa confissão ampla de fé, em que o povo, compreende a Deus como Deus da vida.

## Deus da Vida

Ao lado da unicidade, a extrema relação com a vida define, em profundidade, os contornos de Deus no Antigo Testamento: essa é sua principal característica. Nas primeiras páginas do Gênesis, o Deus que se revela, aparece como Senhor da vida. Pela palavra, cria todas as coisas (Gn 1,1-31) e mais diretamente em relação ao ser humano, insufla-lhe o sopro da vida (Gn 2, 7).

Na ordem da experiência, os hebreus reconhecem o Deus, que se revela, como Deus da vida, por obra e graça da libertação da escravidão e da morte no Egito. Aí, há duas cenas paradigmáticas da experiência de vida: o Senhor livra todos os primogênitos hebreus da espada do Anjo exterminador – Ele é um Deus de vida para os hebreus – em oposição à realidade de morte dos egípcios. A outra cena é a epopeia do êxodo. Ela é uma contínua luta contra a morte por causa do ataque dos egípcios da fome, da sede, das serpentes e de todas as agruras de uma longa travessia pelo deserto. Nos momentos críticos, o Deus, que se revela, aparece como o Deus que lhes defende e conserva a vida. Para Israel, a vida traduziu-se na experiência da libertação e da conquista da terra. Foi o Deus que se revela, que libertou o povo e que lhe deu a terra em que corre leite e mel (LIBÂNIO, 2009, p. 3-5).

O povo de Israel sedentarizou-se. No início, as estruturas da sociedade organizaram-se ainda de uma maneira mais justa, pois a diferença entre ricos e pobres não era tão grande. As autoridades eram do próprio povo, permaneciam próximas e o inimigo estava fora. Assim, o Deus que se revela se manifestou como o Deus da vida, despertando homens dotados para defenderem o povo, que se tornaram os juízes. Com o passar do tempo, mesmo na época dos juízes e mais fortemente depois na monarquia, a injustiça social começou a crescer. A brecha entre pobres e ricos aumentou. Israelitas passaram a oprimir e escravizar israelitas. Com a decadência da monarquia, a prática da injustiça foi crescendo. O Deus que se revela, mais uma vez, apareceu como o defensor da vida, agindo em prol do pobre, da viúva, do órfão. Os profetas se fizeram porta-vozes da luta pela vida dos desprotegidos.

Assim, por exemplo, no reinado de Jeroboão II, imperava a injustiça. Os ricos levavam uma vida de luxo e riqueza. Para tanto, carregava-se o povo com impostos, oprimiam-se os pastores e lavradores. Surgiu então o profeta Amós. Com expressões fortes, ele descreveu a situação de injustiça (Am 2,6-7). Sobre essa situação de injustiça pesou o juízo de Deus. As ameaças foram terríveis. A visão do profeta foi espantosa: *Vi o Senhor que estava de pé sobre*

*o altar e ele disse: "Bate no capitel para que tremam os umbrais! E seguiu-se uma série de malefícios: cortar a cabeça de todos sem exceção, não retirar nenhum do xeol, prender os que se esconderam em qualquer altura ou profundidade que seja, passando-os em seguida ao fio da espada (Am 9,1-4). Mas, no final, abriu-se uma réstia de esperança e de vida: O Senhor prometeu levantar a tenda de Davi que está caindo, reparar-lhe as brechas, levantar-lhe as ruínas e reconstruí-la como nos dias antigos (Am 9, 11). Assim é o oráculo, a Palavra de vida do Senhor.*

O Deus que se revela, é Deus de vida para o povo conduzido ao exílio da Babilônia. Quando tudo era treva, tudo era sofrimento, tudo era morte, a Palavra do Senhor soava como luz e futuro. É desta forma que surgiram os cânticos utópicos e esperançosos mais lindos da Escritura. Podemos até mesmo nomeá-los de livros da consolação. Iniciou-se com a belíssima exclamação: *Confortai, confortai meu povo! Terminou o tempo da provação, foi saldado o débito da culpa. E então uma voz clama: Abri no deserto um caminho para o Senhor, nivelai na estepe uma estrada para nosso Deus! Todo vale seja entulhado e todo monte e colina sejam abaixados. O monte se torne planície e as escarpas se transformem em amplo vale! Então a glória do Senhor se manifestará, e todos os homens juntos a verão (Is 40,1-5). É o mesmo texto que o Novo Testamento aplica a João Batista, precursor do Senhor.*

Num outro texto, numa imagem vigorosa, o profeta Ezequiel descreveu a libertação do povo do exílio da Babilônia como uma dantesca cena de ressurreição das ossadas. Assim diz o Senhor Deus às ossadas: *Vou infundir-vos, eu mesmo, um espírito para que revivais. Dar-vos-ei nervos, farei crescer carne e estenderei por cima a pele. Incutirei um espírito para que revivais. Então sabereis que eu sou o Senhor. (Ez 37,1-14). As ossadas são todas as casas de Israel. Então se assistiu à cena do levantar-se dos ossos como um exército numeroso.*

E finalmente, O Senhor é Deus da vida eterna, retirando os mortos do xeol, ressuscitando-os. Este é o ponto alto da revelação veterotestamentária. A fé na ressurreição dos mortos deriva diretamente da compreensão de que o Deus que se revela, é um Deus dos vivos e não dos mortos. Deus triunfa sobre o último inimigo, a morte. O profeta Daniel anuncia um tempo de angústia, escatológico, final, dizendo: *Então muitos dos que dormem na terra poeirenta, despertarão; uns para a vida eterna, outros para vergonha, para abominação eterna. Então os sábios brilharão como o firmamento resplandecente, e os que tiverem conduzido a muitos para a justiça brilharão como estrelas para sempre (Dn 12, 2-3).*

Único e verdadeiro Deus. Deus da vida. Na experiência de sua unicidade e na defesa da vida, o Deus que se revela aparece frequentemente como um Deus vigoroso, punitivo que castiga as infidelidades do povo, que se ira e se impacienta por causa da dureza de sua cerviz (Ex 32,9; 33,3.5) até as raias da cólera, do desejo de exterminá-lo. Mas não se pode concluir a discussão sobre os contornos das imagens de Deus no Antigo Testamento sem falar de sua infinita ternura.

A severidade e o poder implacável são a fotografia de um Deus no momento inicial da caminhada. Pouco a pouco, Israel foi descobrindo o lado infinitamente terno de Deus. A imagem de um Deus amor são traços mais raros, por isso mesmo, mais expressivo. O gênio religioso de Israel afastou no início qualquer traço que pudesse mostrar um Deus fraco e manipulável pelas criaturas, dificultando-lhe a infinita liberdade e decisão. Certos gestos de ternura, compaixão e comoção poderiam macular essa imagem. Somente depois de ela estar bem assentada, sem perigo de cobri-la, outros traços foram emergindo até expressões de imensa ternura (LIBÂNIO, 2009, p. 5).

No Êxodo, lê-se com surpresa que *o Deus falava frente a frente com Moisés, como alguém que fala com seu amigo* (Ex 33,11). Se compararmos com cenas anteriores em que Ele aparecia no meio de trovões e relâmpagos, esse breve toque revela muito de um retrato de Deus que lentamente se vai construindo. Há uma cena estranha em que o próprio Senhor passou diante de Moisés e exclamou: *O Senhor é o Senhor, um Deus compassivo misericordioso, longânimo e abundante em lealdade e fidelidade* (Ex 34,6). Nos profetas essa imagem atinge seu ponto alto. No Segundo Isaías, Deus anima Jerusalém, revelando em relação a ela seu amor esponsal: *Teu esposo é quem te fez: Senhor Todo-poderoso é seu nome!* (Is 54, 5). *O Senhor se delicia, se alegra de Israel, como o jovem esposo de sua donzela, o noivo de sua noiva* (Is 62,5).

Em Oséias, o Senhor deixa uma carta de amor a Israel. *Amou-o desde quando era um menino, chamou-o de filho, permaneceu amando-o nos seus desvios, tomou-o nos braços e colou-o a seu rosto de tanto carinho, ligou-se com laços de amor, sentiu o coração palpitar-lhe e as entranhas comoverem-se. Apesar de todas as infidelidades de Israel, permanece amando-o. Termina dando a razão decisiva: Porque eu sou Deus e não homem* (Os 11, 1-9).

Como vimos, nos textos tirados do Antigo Testamento, o Deus que se revela é Deus da vida, sempre disposto a caminhar com seu povo, hora o povo o vê como colérico, severo ou

mesmo ciumento, hora como amoroso e misericordioso; dependendo da situação histórica em que estão vivendo. Esses contornos de Deus, já presentes no Antigo Testamento, serão descritos de forma ousada por Jesus, no Novo Testamento, ao apresentar Deus como “Abba, Pai”.

### **Contornos de Deus apresentados por Jesus**

O conceito de Deus como Pai de Jesus, de seus seguidores e de todo o mundo criado está profundamente implantado nos Evangelhos. Ao considerar a Deidade como um Pai atento, Jesus tenciona passar a seus discípulos a atitude apropriada para com Deus, e já que a noção de Pai e de filho são correlatas, ele propõe um modelo para o comportamento dos “Irmãos e irmãs”. Comparada a frequência do tema do Reino divino, a imagem do Pai é relativamente rara no gênero literário das parábolas, aparecendo apenas nas parábolas dos Dois filhos e na do Filho pródigo. Na primeira parábola, comparado ao papel desempenhado pelos filhos, o pai é o personagem menos importante, limitando-se a dar ordens. O principal traço paterno é o perdão não formulado ao filho rebelde, quando este se arrepende (Mt 21,28-32). Na segunda parábola, a do Filho Pródigo, o pai reconhece intuitivamente o arrependimento do filho antes que seja expresso e corre ao seu encontro, abraça-o e proclama publicamente seu regozijo por aquele que estava perdido e morto, mas que agora foi encontrado e está vivo (Lc 15,11-32).

O imaginário restrito do conceito de Deus, que sublinha essas parábolas, reflete amor e paciência para com um filho verdadeiramente arrependido e corresponde ao profundo anseio espiritual dos publicanos e dos pecadores, destinatários preferidos para a mensagem de Jesus. Alinhado ao ensinamento das parábolas, um dos traços salientes da pregação de Jesus é o pronto perdão a seus filhos transviados: *E quando estiveres rezando, perdoa o que tiveres contra alguém, para que teu pai que está no céu possa perdoar tuas faltas* (Mc 11,25). Um outro texto, mais longo, apresenta a mesma máxima, desta vez, incluindo uma formulação negativa: *Se perdoares aos homens as suas faltas, teu Pai Celeste também perdoará as tuas; mas se não perdoares aos homens as suas faltas, teu Pai Celeste também não perdoará as*

*tuas*<sup>6</sup> (Mt 11,14). Nessas passagens citadas, notamos que o mais importante contorno da face de Deus, apresentada por Jesus, é de um Deus Pai, que age perdoadando seus filhos; entretanto, vincula o ato de perdoar, à capacidade humana de também oferecer o perdão.

Na maioria dos exemplos, esta benevolente paternidade divina vincula-se ao ambiente judaico de Jesus e faz ecoar a perspectiva religiosa particular de sua época; assim, a preocupação por elementos essenciais, tais como, alimento, bebida e roupas é vista como a marca distintiva dos gentios (Mt 6,32). O ensinamento de Jesus a respeito de Deus, o Pai, reflete as ideias religiosas do judaísmo bíblico e, particularmente, às ideias de sua própria época. A mais antiga atestação de que Israel já há muito tempo fazia alusão a Deus como Pai e que ele se dirigia a Israel como filhos, encontra-se na célebre passagem de Ex 4,22 onde, segundo a tradição “Javista”, Moisés se dirige ao faraó dizendo: *Assim disse o Senhor, “Israel é meu filho, meu primogênito”*. Enquanto as nuances exatas do termo “Pai” permanecem vagas, não pode haver dúvida de que mesmo em nível individual o relacionamento entre Deus e os israelitas era visto de uma perspectiva de família. (VERMES,1995, p. 158-159).

Existem várias outras passagens bíblicas, que também revelam a aproximação de Jesus ao Deus que se revela como Pai, indicando que ele, já, no Antigo Testamento, podia ser reconhecido com tais características.

No Deuteronômio, Moisés ora diz aos judeus, *Vós sois os filhos do Senhor vosso Deus* (14,1), ora transmite a mesma mensagem por meio de uma comparação: *Sabei, pois, em vosso coração, que assim como o homem disciplina seu filho o Senhor vosso Deus vos impõe sua disciplina* (8,5). O mesmo tipo de imagem é usado no Salmo 103,13, em relação aos devotos: *Assim como o pai tem devoção de seus filhos, do mesmo modo o Senhor tem devoção daqueles que o temem*. Na literatura profética, Deus é representado proclamando o vínculo Pai-filho entre ele mesmo e Israel: *Gerei e criei filhos, mas eles se revoltaram contra mim* (Is 1,2). E onde lhes foi dito: *“Não sois meu povo” lhes será dito: “Filhos do Deus vivo”* (Os 2,1). *Pois sou um pai para Israel e Efraim é meu primogênito* (Jr 31,9).

---

<sup>6</sup>A máxima negativa é incluída também como sumário doutrinal da Parábola do Servo Cruel (Mt 18,35). O ensinamento relativo à reconciliação necessária, mesmo fazendo uma oferenda no Templo, é enfatizada igualmente em Mt 5,23s., sem referência a um Pai Celeste benevolente. A alusão ao santuário, que na opinião de Bultmann atesta a forma mais original porque “pressupõe a existência do sistema sacrificial, em Jerusalém, é mais provavelmente derivada de Mateus do que de Jesus, cujo interesse em assuntos do Templo parece ter sido um tanto periférico.

Nos salmos, Deus proclama o rei seu filho no momento de sua entronização, declaração dotada de significado messiânico depois do desaparecimento da soberania política: *Tu és meu filho, hoje eu te gerei* (Sl 2,7). Entretanto, enquanto a metáfora parece familiar, a referência comunitária a Deus, em forma de prece, como “nosso Pai” ocorre relativamente tarde, em passagens da literatura pós-exílica: *Pois tu és nosso Pai, já que Abraão não nos conhece e Israel não nos reconhece, Tu, ó Senhor és nosso Pai, Nosso Redentor, este é teu nome desde a antiguidade.* (Is 63,16).

A compreensão de Deus como Pai celeste, típica da pregação de Jesus, se enquadra no desenvolvimento do pensamento religioso judaico num esboço esquemático, que vai desde a Bíblia até os rabis, a ideia do Pai divino se desloca para o nível coletivo, a partir do Criador/Gerador do povo judeu (dentro da humanidade) em direção ao Protetor amante e afetuoso do membro individual da família. À época dos sábios tanaíticos, até o século III d.C., o Pai Celeste é o Deus providencial, distinto do Deus Rei-Juiz-Soberano, e a imagem paternal é nitidamente muito familiar no meio hassídico-carismático. (VERMES,1995, p. 164).

A representação de um Pai amante e solícito não se ajusta à experiência humana de um mundo duro, injusto e cruel, onde melhor se enquadra as imagens dos deuses da humanidade. Naquela época como agora, como afirma Vermes (1995), os filhotes implumes ainda caem do ninho, os pequeninos morrem e, como o próprio Jesus logo iria experimentar, os inocentes sofrem. Mas o que se encontra no interior de sua intuição é a convicção de que o eterno, distante, dominador e terrível Criador – de acordo com a cosmovisão de alguns – é primariamente um Deus próximo e que pode ser alcançado. É essa a certeza de boa nova que os seguidores de Jesus passaram a explorar mais e mais, ao revelarem os diferentes contornos do Deus que se revela, agora à luz do Cristo Jesus.

### **Contornos de Deus para cristãos**

A experiência vivida em torno de Jesus, lida como realização das promessas do Deus que se revela, encarnando-se na história humana, apresenta um olhar e reconhecimento de Deus, como o “Ser-em-Si”, fundamento de tudo o que existe; mas, na história de Israel, Ele se revela também como um “Ser-para”, um Ser relação. Ele se revela para os homens, se faz próximo, entra na história humana e age nessa história, escolhe para si um povo, o povo hebreu, liberta



este povo da escravidão do Egito, ama e defende esse povo e o conduz à terra que Ele um dia havia prometido a Abraão, Isaac e Jacó, patriarcas desse povo eleito.

Esse povo, que elegeu para si, amou com amor sponsal, como averiguamos nas várias passagens citadas. Ele é um Deus que tem uma relação de aliança, zelo e ciúme por seu povo e faz tudo para não o perder. Esse é também o Deus do homem judeu, Jesus Cristo, o qual foi experimentado dentro de sua tradição e cultura judaica, que será lido pelos cristãos como “Ser-em-si” e “Ser-para” ..., que se aproxima do ser humano e o ama. Em Jesus Cristo, revelar-se que Deus é acima de tudo Amor, primeiramente em si mesmo e depois, também na sua relação com a criação, especialmente com a humanidade.

### **Considerações finais**

Ao final desse artigo, constatamos que analisamos a figura do Deus que se revela e dos deuses da humanidade e que nos cabe aqui, apresentar algumas considerações finais, e não uma conclusão, tendo em vista se tratar de um tema sempre aberto a novas interações.

Em momentos de profunda crise religiosa que, de tempos em tempos, enfrentamos, não basta crer em qualquer Deus (deuses da humanidade); precisamos discernir qual é o Deus que se revela. Isso só é possível, observando as diversas experiências históricas e as ações geradoras de vida, por Ele iniciadas. Parece-nos muito importante reivindicar hoje, na sociedade moderna, o autêntico Deus bíblico, o Deus dos Patriarcas, Deus dos Profetas, Deus de Jesus Cristo. Todavia, não podemos confundir-lo com qualquer outro “deus”, elaborado por nós a partir de medos, ou ambições e fantasmas que pouco ou nada tem a ver com a experiência de Deus, outrora vivida e comunicada no universo bíblico.

Na tentativa de expressar desejos e vontades, por vezes, criamos imagens antropomórficas de Deus. O Antropomorfismo é um conceito muito utilizado em diversas religiões, por exemplo, no Cristianismo, de forma que aspectos humanos são atribuídos aos deuses ou aos seres sobrenaturais, anjos, santos, demônios, os quais não apresentam forma determinada (amorfos).

Podemos pensar por exemplo, em Deus, o qual é provocado como se tivesse corpo (antropomorfismo) e sentimentos humanos. No entanto, os textos bíblicos deixam claro que Deus não possui um corpo nem sentimentos humanos. Ele é uma presença boa que abençoa a vida. A solicitude amorosa do Deus que se revela, quase sempre misterioso e velado, está

presencialmente envolvendo a existência de toda criatura. É um Deus próximo, cuja bondade irrompe no mundo sob a forma de compaixão. Sua proximidade permite-lhe buscar as pessoas onde elas estão, mesmo que se encontrem perdidas, longe de sua Aliança. Deus, se posiciona sempre contra o mal, sofrimento, opressão e morte. Imagens contrárias ou distintas disto pertencem aos desejos e ambições humanas. O sofrimento e a enfermidade, não são expressões da vontade, castigo ou tentativa de purificação aplicadas por Deus, são resultado da inviolável finitude humana, inerente a tudo que vive.

## REFERÊNCIAS

**BÍBLIA DE JERUSALÉM.** São Paulo, Paulus, 2004.

BINGERMER, Maria Clara L. e FELLER, Vitor Galdino. **Deus Trindade: a vida no coração do mundo.** São Paulo: Siquem, 2002.

Carta Encíclica do Santo Padre BENTO XVI. **Deus é amor.** São Paulo: Loyola, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **“Convite à filosofia”.** São Paulo: Ática, 1997.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas,** volume I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno.** São Paulo: Mercuryo, 1992.

EPICURO. **Da natureza: antologia de textos.** São Paulo: Abril Cultural, 1985.

Gaudium et Spes, **Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Moderno**, Concílio Vaticano II, 1965.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **O Deus da Vida**. São Paulo: Loyola, 1990.

JEREMIAS, Joaquim. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo, Teológica, 2004.

JUNIOR, João Luiz Correia. **Do Deus distante para o Deus amor: o desenvolvimento da ideia sobre Deus na Bíblia**. Pernambuco, Revista Symposium, 2000.

LATOURELLE, René, S.J.. **Teologia da revelação**. São Paulo: Paulinas, 1972.

MESQUITA, Luiz José de. **Por Que Crer? A fé e Revelação**. São Paulo: Ave Maria, 1990.

PAGOLA, José Antônio. **Jesus, aproximação histórica**. Petrópolis: Vozes, 2011.

RÖMER, Thomas. **A origem de Javé. O Deus de Israel e seu nome**. São Paulo: Paulus, 2016.

SILVA, Bárbara Icila Areal. **As Múltiplas Faces de Deus**. Salvador, Revista Científico, 2004.

SOUZA, Vitor Chaves. **As faces de Javé**. São Bernardo do Campo, TCC (Bacharel em Teologia) Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

VERMES, Geza. **A religião de Jesus, o Judeu**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

ZENGER, Erich. **O Deus da Bíblia**. São Paulo: Paulinas 1989.

Sites:

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **As diversas faces do mal**. Disponível em: <http://wwwusers.rdc.puc-rio.br/agape/vida.../artigos/.../Asdiversasfacesdomal>. Acessado em 16/12/2010.

BRAGA, Alfredo, **A escolha de Javé**. Disponível em: <http://www.alfredo-braga.pro.br/discussoes/jave.html>. Acessado em 16/12/2010.

GUERREIRO, Nuno Josué. Disponível em: <http://ruadajudiaria.com/?p=62>. Acessado em 09/03/2011.

LIBANIO, João Batista. **O Deus do Antigo Testamento**. Disponível em: <http://www.jbllibanio.com.br/modules/smartsection/item.php?itemid=36>. Acessado em 16/12/2010.

SIGNORINI, Ivanir, LIMA, Flavio e SIGNORINI, Vanderlei Roque. **Uma luta de deuses**. Disponível em:

[http://www.salvatorianos.org.br/textos\\_umalutadedeuses.htm](http://www.salvatorianos.org.br/textos_umalutadedeuses.htm) acessado em 07-03-2011.

